

"Sal, luz e fermento". A tarefa dos leigos na missão da Igreja

O encargo que um punhado de homens recebeu no Monte das Oliveiras, perto de Jerusalém, numa manhã primaveril nos anos 30 da nossa era, tinha todas as características de uma “missão impossível”.

20/04/2018

Os cristãos da primeira hora, os que conviveram com Jesus e com os

Apóstolos ou pertenceram às gerações seguintes, estavam conscientes de sua missão de vivificar com a sua fé todas as atividades que realizavam. Com palavras de Tertuliano: “O que é a alma para o corpo, assim são os cristãos para o mundo”. São Josemaria, comenta D. Álvaro del Portillo neste artigo, recordou incansavelmente na pregação que “É dever de todos e de cada um dos batizados colaborar ativamente na transmissão da palavra que Jesus pregou aos homens de todos os tempos”.

O encargo que um punhado de homens recebeu no Monte das Oliveiras, perto de Jerusalém, numa manhã primaveril nos anos 30 da nossa era, tinha todas as características de uma “missão impossível”.

Recebereis a virtude do Espírito Santo que descera sobre vós e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia, na Samaria e até aos confins do mundo (At 1, 8). As últimas palavras pronunciadas por Cristo antes da Ascensão pareciam uma loucura. Num pequeno recanto esquecido do Império Romano, uns homens simples – nem ricos, nem sábios, nem influentes – tinham de levar a todo o mundo a mensagem de um justificado.

Menos de trezentos anos depois, uma grande parte do mundo romano tinha -se convertido ao Cristianismo. A doutrina do Crucificado vencera as perseguições dos poderosos, o desprezo dos sábios, a resistência às exigências morais que contrariavam as paixões. E, apesar das vicissitudes da História, ainda hoje o Cristianismo continua a ser a maior força espiritual da humanidade. Só a graça de Deus o pode explicar.

Porque a graça atuou através de alguns homens que se sabiam investidos de uma missão e a cumpriram.

Cristo não apresentou aos seus discípulos esta tarefa como uma possibilidade, mas como um “mandato imperativo”. Assim lemos em São Marcos: *Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura. Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer, será condenado* (Mc 16, 15-16). E São Mateus recolhe as seguintes palavras de Cristo: *Ide, pois, e ensinai a todas as gentes batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a cumprir todas as coisas que vos mandei. Eu estarei convosco todos os dias até o fim do mundo* (Mt 28, 19-20). São palavras que trazem à nossa memória as pronunciadas por Cristo na Última Ceia – *como Tu Me enviaste ao mundo, assim Eu os envie ao mundo*

(Jo 17, 18) - e o Concílio Vaticano II fez delas o seguinte comentário: “Este mandato solene de Cristo de anunciar a verdade salvadora, a Igreja recebeu-o dos Apóstolos, com a missão de o levar até aos confins da terra”[1].

Tarefa de todos

Quando se fala de missão da Igreja corre-se o risco de pensar que se trata dos que falam do altar. Mas a missão que Cristo entrega aos seus discípulos tem de ser realizada por todos os que constituem a Igreja. Todos têm, cada um de acordo com a sua condição, de cooperar de modo unânime na tarefa comum[2]. “A vocação cristã” – precisa o Concílio Vaticano II – “é, pela sua própria natureza, a vocação ao apostolado (...)”. Há diversidade de funções na Igreja, mas uma única missão. Cristo destinou aos Apóstolos e aos seus sucessores o ministério de ensinar,

de santificar e de governar em seu próprio nome e autoridade. Mas os leigos, ao participarem da função sacerdotal, profética e real de Cristo, cumprem no mundo a sua função específica dentro da missão de todo o povo de Deus”[3]. Todo o cristão é, pelo Batismo, assimilado a Cristo e participa da sua missão redentora. É dever de todos e de cada um dos batizados colaborar ativamente na transmissão da palavra que Jesus pregou aos homens de todos os tempos. A dimensão apostólica da vocação cristã esteve sempre presente na vida da Igreja; mas houve um longo período em que a realização dessa missão salvadora parecia estar reservada a uns poucos cristãos; o resto, os outros, eram apenas sujeitos passivos dessa missão. O Concílio Vaticano II procurou neste campo um retorno aos princípios, sublinhando a universalidade da chamada ao apostolado, que constitui não só uma

possibilidade entre outras, mas um autêntico dever: “Foi imposta, portanto, a todos os fiéis, a gloriosa tarefa de se esforçarem para que a mensagem divina da salvação seja conhecida e aceite por todos os homens de qualquer lugar da terra”[4].

Onde só os leigos chegam

Mas aos leigos corresponde alguma parcela concreta dessa missão? O Concílio Vaticano II já tinha dado algumas orientações precisas. Os fiéis correntes – lê-se na Constituição *Lumen Gentium* - “são chamados por Deus para contribuir, como fermento, para a santificação do mundo, no exercício das suas tarefas, guiados pelo espírito evangélico e, assim, manifestam Cristo aos que com eles convivem, principalmente com o testemunho de sua vida e com o fulgor de sua fé, esperança e caridade”[5]. E mais adiante: “Os

leigos estão particularmente chamados a tornar presente e operante a Igreja nos lugares e condições onde ela não pode ser salva da terra senão através deles”[6].

Quer dizer que, num hospital, a Igreja não está presente só pelo capelão: também atua através dos fiéis que, como médicos e enfermeiros, procuram prestar um bom serviço profissional e uma esmerada atenção humana aos doentes. Num bairro, a igreja será sempre um ponto de referência indispensável, mas o único modo de chegar aos que não a frequentam será através de outras famílias.

A Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, recolhendo o trabalho realizado no Sínodo de 1987, aprofundou esta doutrina. Referindo-se à missão dos leigos, o Papa recordava os perigos que se poderiam encontrar ao procurar defini-la: “a tentação de mostrar um

exclusivo interesse pelos serviços e tarefas eclesiais, de forma a chegarem frequentemente a uma concreta abdicação das suas responsabilidades específicas no mundo profissional, social, económico, cultural e político; e a tentação de legitimar a indevida separação entre a fé e a vida, entre a aceitação do Evangelho e a ação concreta nas mais variadas realidades temporais e terrenas”[7].

Perante estes dois extremos, o Papa advertia que o que distingue os leigos é “a índole secular”, pois Deus chamou-os para que “se santifiquem no matrimónio ou no celibato, na família, na profissão e nas várias atividades sociais”[8].

Deste modo, o Sínodo procurou evitar o duplo risco apontado pelo Papa: ao estimular a tarefa dos leigos nos assuntos temporais, sobressaía a tentação de um recuo nas estruturas da Igreja perante uma sociedade

hostil ou indiferente; e, ao pedir uma forte coerência entre fé e a vida, quer impedir a dissolução da identidade cristã. Ora, para ser sal da terra, é necessário estar no mundo, mas também não se tornar insípido.

A missão específica dos leigos fica assim descrita: trata-se de levar a mensagem de Cristo a todas as realidades terrenas – a família, a profissão, as atividades sociais... - e, com a ajuda da graça, convertê-las em ocasiões de encontro de Deus com os homens.

Os primeiros cristãos

No entanto, não corresponderia à realidade se se considerasse tudo o que até agora foi exposto como uma novidade posterior ao Concílio Vaticano II. Os cristãos da primeira hora, os que conviveram com Jesus e com os Apóstolos ou pertenceram às gerações seguintes, estavam conscientes da sua missão. A

conversão levava-os a um maior empenho no cumprimento dos deveres que correspondia à sua posição no mundo. Tertuliano, por exemplo, escreve: “Vivemos como os outros homens; não passamos sem a praça, o talho, os banhos, as lojas, os alfaiates, as hospedarias, as feiras e tantos outros comércios. Convosco também navegamos, convosco somos soldados, lavramos o campo, dedicamo-nos ao comércio, exercitamos os nossos ofícios e expomos para vosso uso as nossas obras”[9].

E num venerável documento da antiguidade cristã lemos: “Os cristãos não se distinguem dos outros homens pela sua terra, nem pelo seu falar, nem pelos seus costumes: porque não habitam em cidades exclusivamente suas, nem falam uma língua estranha, nem levam um gênero de vida diferente dos

restantes (...). Habitam em cidades gregas ou bárbaras, de acordo

com a sorte de cada um e adaptando-se à forma de vestir, de comer, e ao modo de vida, aos usos e costumes do país, com uma conduta peculiar que é admirável e, segundo declaração de todos, surpreendente”[10]. O que pouco mais adiante se escreve nesse documento, far-nos-á compreender que, permanecendo no seu lugar, os primeiros cristãos tinham mudado notavelmente de conduta. “Casam-se como todos; como todos, têm filhos, mas não abandonam os que nascem (...), estão na carne, mas não vivem segundo a carne, passam o tempo na terra, mas têm a sua cidadania no Céu. Obedecem às leis estabelecidas, mas com a sua vida superam as leis (...). Para dizê-lo brevemente, o que é a alma para o corpo, assim são os cristãos para o mundo”[11].

Como consequência dessa atitude e da sua zelosa atividade apostólica, o cristianismo estendeu-se, em pouco tempo, de um modo assombroso: indubitavelmente aqueles nossos irmãos contavam com a graça de Deus, mas além dela, sabemos que a sua resposta foi sempre heroica: não só perante o tormento, mas também em todos os momentos da vida. Não estranha, portanto, que o próprio Tertuliano pudesse escrever: “Somos de ontem e já enchemos o mundo e todas as vossas coisas: as cidades, as ilhas, os povoados, as vilas, as aldeias, o exército, o palácio, o senado, os tribunais. Só os vossos templos vos deixámos”[12].

O espírito do Opus Dei

Permitam-me agora uma digressão que me parece justa. A chamada universal à santidade e ao apostolado, tão clara nos primeiros cristãos e recordada pelo último

Concílio[13], é uma das realidades que está na base do espírito do Opus Dei. Desde 1928 o seu Fundador, (proclamado Beato por João Paulo II no dia 17 de maio de 1992*), não cessou de repetir que a santidade e o apostolado eram um direito e um dever de todo o batizado. Assim, por exemplo, escrevia em 1934: “Tens obrigação de santificar-te. - Tu também. - Alguém pensa, por acaso, que é tarefa exclusiva de sacerdotes e religiosos? A todos, sem exceção, disse o Senhor: “Sede perfeitos, como meu Pai Celestial é perfeito”[14]. E, referindo-se ao apostolado, escreve: “Vim trazer fogo à terra, e que quero senão que arda?” - E bem vês: quase tudo está apagado...Não te animas a propagar o incêndio?”[15].

Neste campo pode-se, portanto, justamente considerar Josemaria Escrivá como pioneiro dos ensinamentos do Concílio Vaticano. Afirmava-o claramente o Cardeal

Polleti no Decreto de Introdução da Causa de Beatificação do Fundador do Opus Dei, com as seguintes palavras: “Por haver proclamado a vocação universal à santidade, desde que fundou o Opus Dei em 1928, Josemaria Escrivá foi unanimemente reconhecido como um precursor do Concílio, precisamente no que constitui o núcleo fundamental do seu magistério, tão fecundo para a vida da Igreja”[16].

Com o exemplo e com a palavra

Num mundo cada vez mais materializado, o trabalho do cristão do século XX assemelha-se ao que tiveram de realizar os primeiros discípulos de Cristo. Como eles, terão de transmitir a Boa Nova com o seu exemplo e com a sua palavra.

Nunca poderemos conhecer completamente nesta vida os efeitos da nossa atuação nas pessoas que estiveram à nossa volta. Há uma

primeira e essencial obrigação para qualquer cristão: atuar de acordo com a sua fé, ser coerente com a doutrina que professa. *Vós sois a luz do mundo. Não pode ocultar-se uma cidade situada sobre um monte; nem se acende uma candeia para a colocar debaixo do alqueire, mas no candelabro, a fim de que dê luz a todos os que estão em casa. Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, para que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem o vosso Pai que está nos Céus (Mt 5, 14-16).*

Não obstante, o exemplo não chega. “Este apostolado não consiste só no testemunho de vida. O verdadeiro apóstolo procura ocasiões para anunciar Cristo com a sua palavra, quer aos não crentes, para os levar à fé; quer aos fiéis, para os instruir, confirmá-los e estimulá-los a um maior fervor de vida”[17].

Isto não é uma questão para “especialistas”. O Concílio Vaticano II lembrou a obrigação que os leigos têm de fazer apostolado individualmente. “O apostolado individual, que deriva com abundância da fonte de uma vida verdadeiramente cristã (cf. Jo 4, 14) é origem e condição de todo o apostolado dos leigos, mesmo do apostolado associado, nem nada o pode substituir.

A este apostolado, sempre e em toda a parte proveitoso e, em certas circunstâncias, o único conveniente e possível, são chamados e, por isso, obrigados, todos os leigos, de qualquer condição, ainda que não se lhes proporcione ocasião ou possibilidade de cooperar nas associações”[18].

As ocasiões em que esse apostolado pode ser concretizado são inumeráveis: na realidade, toda a

vida tem de ser um contínuo apostolado. Gostaria de centrar-me em duas das circunstâncias que constituem os eixos da vida da maioria das pessoas: o trabalho e a família.

Através do trabalho profissional

Entre os diversos motivos que fazem os homens relacionar-se e estabelecer amizades, encontra-se, sem lugar para dúvidas, o exercício da sua profissão. Poderia parecer que o âmbito do apostolado é reduzido, mas não se deve esquecer que, normalmente, é aí que se estabelecem relações profundas de confiança, e, em muitas ocasiões, permitirão ajudar de forma decisiva as pessoas com quem agora se relacionam.

Alguns trabalhos – penso, por exemplo, nos relacionados com a docência ou com os meios de comunicação social – constituem

uma oportunidade de transmitir ideias a centenas de milhares de pessoas. Mas seria um erro pensar que só essas pessoas podem ter ocasião de apostolado; em qualquer ocupação, em qualquer circunstância, o cristão deve ajudar a que os outros deem um sentido cristão à sua vida. Em geral, não será necessário fazer grandes discursos, mas somente realizar o que o Fundador do Opus Dei chamava “apostolado de amizade e confiança” e que descrevia nos seguintes termos: “Essas palavras que tão a tempo deixas cair ao ouvido do amigo que vacila; a conversa orientadora que soubeste provocar oportunamente; e o conselho profissional que melhora o seu trabalho universitário; e a discreta indiscrição que te faz sugerir-lhe imprevistos horizontes de zelo... Tudo isso é ‘apostolado da confiança’”[19].

Este empenho converte-se em interesse real por cada pessoa e orienta-se normalmente na conversa pessoal dos amigos. “O apostolado cristão - e refiro-me agora, especificamente, ao apostolado de um simples cristão, ao de um homem ou de uma mulher que vive como outro qualquer entre os seus iguais - é uma grande catequese em que, através do relacionamento pessoal, de uma amizade leal e autêntica, se desperta nos outros a fome de Deus e se ajuda cada um a descobrir novos horizontes - com naturalidade, com simplicidade, como disse, com o exemplo de uma fé bem vivida, com a palavra amável, mas cheia da força da verdade divina”[20].

Um empenho apostólico que, através da iniciativa livre e responsável dos cristãos, se vai manifestar também no esforço de conseguir que as estruturas sociais facilitem aos outros a aproximação a Deus. Vai

realizar-se, dessa maneira, a animação cristã da ordem temporal que, como vimos, o Concílio considera missão característica dos leigos. Neste contexto, podem entender-se os alertas que, na Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, o Papa** dirigiu aos leigos empenhados na ciência e na técnica, na medicina, na política, na economia e na cultura[21], para que não abdicuem de sua responsabilidade de fazerem um mundo mais humano e, portanto, mais cristão.

Para isso contam com as inspirações e princípios que lhes oferece a doutrina social da Igreja. Mas essa doutrina só se tornará viva através dos homens e mulheres que, em Wall Street ou numa pequena loja de bairro, concebam o seu trabalho como algo mais que uma fonte de lucros ou um meio de ascender socialmente: só se fará viva através

do cidadão que se preocupe, na cidade ou nas associações dos condomínios, de tornar mais acolhedora a sociedade; através dos intelectuais que, na universidade e na escola, criem cultura com sentido cristão.

Começar pela família

Juntamente com o apostolado e o trabalho – a profissão de cada um, o que se realiza em família ocupa um lugar fundamental. No caso dos pais, esse é o seu primeiro campo de apostolado, o lugar onde Deus os colocou para realizarem uma tarefa insubstituível: a educação dos filhos.

A família é “a célula primeira e vital da sociedade”[22], e da sua saúde ou doença dependerá a saúde ou doença de todo o corpo social. A sociedade será mais fraterna se os homens aprenderem, na família, a sacrificar-se uns pelos outros. Haverá mais tolerância e respeito nas relações

humanas, na medida em que os pais e os filhos se compreendam. A lealdade ganhará terreno na vida social se também for valorizada a fidelidade entre os cônjuges. E o materialismo baterá em retirada, quando o objetivo da felicidade familiar não for o consumo crescente.

No que se refere à atenção dos filhos, importa recordar de novo o papel primordial do exemplo. João Paulo II, numa das poucas ocasiões em que falou de si mesmo, e se referiu ao seu pai: “ O meu pai foi uma pessoa admirável e quase todas as minhas recordações de infância e adolescência se referem a ele. O simples facto de vê-lo ajoelhar-se teve uma influência decisiva nos meus anos de juventude. Era tão severo consigo próprio que não necessitava sê-lo com o seu filho: bastava o seu exemplo para ensinar a disciplina e o sentido do

dever”[23]. E o Cardeal Luciani – depois João Paulo I – escrevia: “o primeiro livro de religião que os filhos leem são os seus próprios pais. É muito bom que o pai diga ao filho: ‘Está na igreja um padre a confessar, não seria bom aproveitares?’ Melhor ainda, se dissesse: ‘Eu vou à igreja para me confessar, não queres vir comigo?’”[24]. O exemplo oferecido nas mais diversas facetas da vida – de lealdade aos amigos, de laboriosidade, de sobriedade e temperança, de alegria perante as contrariedades, de preocupação pelos outros, de generosidade... - ficará gravado de forma indelével nas almas dos filhos.

E com o exemplo, dando atenção generosa à sua educação. “O quetendes de cuidar mais – costumava dizer o Fundador do Opus Dei aos empresários – é da formação dos vossos filhos”. Uma educação que será eficaz se os pais souberem

ser amigos dos seus filhos; se eles, desde pequenos, confiarem nos pais, abrem-lhes o seu coração quando têm alguma dificuldade. São Tomás More escrevia: “De regresso a casa, tenho de falar com a mulher, brincar com os filhos, trocar impressões com os criados. Tudo isto faz parte da minha vida e tenho de o fazer, a não ser que queira ser um estranho na minha própria casa. Temos de nos entregar àqueles que a natureza, o destino ou nós próprios, escolhemos como companheiros”[25].

O ritmo da vida moderna parece não favorecer esta dedicação. Cada vez mais temos de tudo, exceto tempo. E os pais correm o risco de ser absorvidos pelo trabalho, mesmo com o nobre desejo de assegurar o melhor futuro possível para os filhos. Mas este futuro dependerá mais do tempo que lhes é dedicado do que do conforto que lhes é oferecido. E assim, quando os filhos se queixam,

não é por aquilo que os pais não lhes deram, mas porque não souberam dar-se eles próprios.

Família aberta aos outros

Isto já é muito, mas não é tudo. Um cristão consciente de sua missão de ser fermento, não pode conformar-se com a atenção só aos seus familiares. Certamente, num mundo competitivo e duro, é normal o desejo de procurar na sua família o afeto e a segurança que muitas vezes falta fora de casa. Como também é compreensível que, perante os diversos tipos de família que existem hoje na sociedade, os pais cristãos procurem proteger e cultivar o que é seu. Mas a família cristã é uma família “aberta”.

“A família” – dizia Paulo VI – “do mesmo modo que a Igreja, deve ser um espaço onde o Evangelho é transmitido e de onde este irradia (...). Uma família assim torna-se

evangelizadora de muitas outras famílias e do ambiente onde vive”[26]. O exemplo de uma família cristã que, com as suas limitações e dificuldades, procura viver o seu ideal, é sempre atraente, inclusive humanamente falando. Sobretudo se essa família está aberta à amizade com outras pessoas próximas – parentes, colegas, vizinhos, amigos dos filhos - e é animada pelo espírito apostólico. Deste modo, vai tornar-se realidade o ideal que indicava João Paulo II ao dizer que a “Igreja doméstica (a família) está chamada a ser um sinal luminoso da presença de Cristo e do seu amor mesmo por aqueles que estão mais distantes, para as famílias que não creem e para as famílias cristãs que não vivem de acordo com a fé recebida”[27].

Além disso, toda a família está sujeita às influências exteriores, que provêm das leis, da escola ou da

opinião pública. Daí que, tanto para proteger a sua família como para ajudar as outras, um cristão deve preocupar-se para que na sociedade exista um clima favorável à instituição familiar.

“As famílias” – lê-se na Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, - “devem ser as primeiras a procurar que as leis e instituições do Estado não só não ofendam, mas que apoiem e defendam os direitos e deveres da família. Nesse sentido, as famílias devem crescer na consciência de ser “protagonistas” da chamada “política familiar”, e assumir a responsabilidade de transformar a sociedade”[28].

Face a uma nova evangelização

Os primeiros cristãos souberam transformar a sua sociedade empenhando-se no serviço do mandato de Cristo: *Tendo eles partido, pregaram por toda a parte,*

cooperando com eles o Senhor e confirmando a palavra com os prodígios que a acompanhavam (Mc 16, 20).

Às portas do terceiro milénio, perante uma sociedade que parece fugir loucamente de Deus, nós, os cristãos deste século, somos chamados a realizar uma nova evangelização “Deus chama-nos a servi-Lo *em e a partir* das tarefas civis, materiais, seculares da vida humana. Deus espera-nos em cada dia: no laboratório, na sala de operações de um hospital, no quartel, na cátedra universitária, na fábrica, na oficina, no campo, no seio do lar e em todo o imenso panorama do trabalho. Não esqueçamos nunca: há *algo* de santo, de divino, escondido nas situações mais comuns, algo que a cada um de nós compete descobrir”[29].

E, em palavras de João Paulo II, “Isto só será possível se os fiéis leigos souberem superar, em si mesmos, a fratura entre o Evangelho e a vida, recompondo em sua atividade diária, na família, no trabalho e na sociedade, a unidade de vida que encontra no Evangelho inspiração e força para se realizar com plenitude”[30]. O mundo espera cristãos sem fissuras, cristãos de uma só peça. Com falhas, com erros, mas com vontade firme de retificar as vezes que forem necessárias e seguir em frente no caminho que, pela mão da Virgem Maria, nos leva ao Pai através de Cristo, Caminho, Verdade e Vida.

D. Álvaro del Portillo

Mundo Cristiano, Madrid, Abril de 1999

* Josemaria Escrivá viria a ser canionizado em 6 de outubro de 2002

****** então, João Paulo II

[1] Concílio Vaticano II, Const. Dogm.
Lumen Gentium, n. 17

[2] Concílio Vaticano II, Const. Dogm.
Lumen Gentium, n. 30

[3] Concílio Vaticano II, Dec.
Apostolicam Actuositatem, n. 2

[4] Concílio Vaticano II, Dec.
Apostolicam Actuositatem, n. 3

[5] Concílio Vaticano II, Const. Dogm.
Lumen Gentium

[6] Concílio Vaticano II, Const. Dogm.
Lumen Gentium, n. 33

[7] *Ibid.* n. 15

[8] *Ibid.* n. 15

[9] Tertuliano, *Apologético*, n. 42

[10] *Epístola a Diogneto*, 5

[11] *Ibid.*

[12] Tertuliano, *Apologético*, n.1

[13] João Paulo II escreveu: “Esta chamada universal à santidade foi a consigna fundamental confiada a todos os filhos da Igreja por um Concílio convocado para a renovação evangélica da vida cristã. Trata-se de uma consigna que não é uma simples exortação moral, mas uma indeclinável exigência do mistério da Igreja” (João Paulo II. Exort. apost. *Christifideles Laici*, n.16).

[14] Josemaria Escrivá, *Caminho*, n. 291

[15] *Ibid.* n. 801

[16] Cardeal Ugo Polletti, *Decreto de Introdução da Causa de Beatificação do Servo de Deus Josemaria Escrivá de Balaguer y Albás*.

[17] Concílio Vaticano II, *Apostolicam Actuositatem*, n. 6

[18] *Ibid.* n. 16

[19] Josemaria Escrivá, *Caminho*, n. 973.

[20] Josemaria Escrivá, *Cristo que passa*, n. 149

[21] Cf. João Paulo II, Exort. apost. *Christifideles Laici*, nn. 38, 42-44

[22] Conc. Vaticano II, Decreto *Apostolicam Actuositatem*, n. 11

[23] André Frossard, *Não Tenham Medo*.

[24] Cardeal Albino Luciani, *Ilustríssimos Senhores*, Lisboa, Cidade Nova.

[25] S. Tomás Moro, *Utopia*, Introdução.

[26] Paulo VI, Exort. apost. *Evangelii Nuntiandi*, n. 712; citado por João Paulo II na *Familiaris Consortio*, n. 52.

[27] João Paulo II, Exort. apost. *Familiaris Consortio*, n. 54.

[28] João Paulo II, Exort. apost. *Familiaris Consortio*, n. 44.

[29] Josemaria Escrivá, *Temas Atuais do Cristianismo*, n. 114

[30] João Paulo II, Exort. apost. *Christifidelis Laici*, n. 34.